

# **UMA REALIDADE CONTEMPORÂNEA NAS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS: a violência do bullying**

**Gabriela Souza Silva**

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: gabrielasouzasilva10@gmail.com)

**Palloma Oliveira Apoloni**

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: 92740918pa@gmail.com)

**Fernanda Macedo de Oliveira**

Orientadora do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: Fernanda-macedo@outlook.com)

## **RESUMO**

Atualmente, as escolas de todo o mundo precisam lidar com um grande problema, o bullying. As instituições de ensino lugares de socialização entre alunos, tendo como mediadores, os professores e a equipe pedagógica. Com objetivo de evidenciar o quanto a ação do bullying dentro do ambiente escolar pode ocasionar consequências às vítimas, como também enfatizar que as intervenções adotadas pelos docentes podem minimizá-las por meio de práticas metodológicas. Assim, desenvolveu-se um estudo bibliográfico, analisando o filme 'A voz do silêncio – Koe no Katashi'. Com o estudo percebeu-se que o bullying inicia, se desenvolve e termina, deixando traumas irreparáveis, tanto na vítima, como no agressor, como também nas pessoas que os rodeiam. Para que haja uma intervenção nessa situação, o professor precisa identificar, entender o motivo e procurar uma solução, juntamente com a equipe pedagógica, mas nem sempre isso pode se tornar efetivo, como o filme evidenciou. Contudo, percebeu-se que as intervenções podem ser feitas e desenvolvidas pelo educador, sendo necessário que este se envolva com propostas de atividades que visualize a temática, para todos entenderem que não há diferença, mesmo que pessoas possuam particularidades que possam se diferenciar das demais.

**Palavras-chave:** Escola. Bullying. Professores. Intervenções.

## **A CONTEMPORARY REALITY IN CINEMATOGRAPHIC PRODUCTIONS: the violence of bullying**

## **ABSTRACT**

Currently, schools all over the world have to deal with a big problem, which is bullying. Educational institutions are a place of socialization between students, having as mediators, teachers and the pedagogical team. Aiming to show how the action of bullying within the school environment can cause consequences for victims, as well as emphasizing that the interventions adopted by teachers can minimize them through methodological practices. Thus, he developed a bibliographic study, analyzing the film 'The voice of silence – Koe no Katashi'. With the study it was realized that bullying

starts, develops and ends, leaving irreparable trauma both in the victim and the aggressor, as well as in the people around them. In order for there to be an intervention in this situation, the teacher needs to identify, understand the reason and try to find a solution, together with the pedagogical team, but this cannot always be effective, as the film showed. However, it was noticed that interventions can be made and developed by the educator, which is necessary for the education to get involved with proposals for activities that visualize the theme, so that everyone understands that there is no difference, even if people have particularities that may differ from the too much.

**Keywords:** School. Students. Teachers. Interventions.

## 1 INTRODUÇÃO

O ato de transmitir uma informação é necessário em todo e qualquer lugar que há um indivíduo interagindo. Contudo, muitas são as maneiras de transmiti-la. No mundo contemporâneo, a sedução volta-se ao audiovisual, que pode abranger as produções cinematográficas. A mídia e o entretenimento promovem conhecimentos e uma análise crítica sobre as estratégias da comunicação, o que pode seduzir e persuadir o espectador.

Assim, este estudo que se propõe analisar a um problema gravíssimo, que assombra as escolas do mundo todo, principalmente a do Brasil, que é o *bullying*. A análise do filme a 'A voz do silêncio – *Koe no Katashi*' é um desses exemplos, por tratar de uma narrativa delicada e necessária, principalmente no ambiente escolar.

No ambiente escolar, muitos relacionamentos são possíveis, o que engloba condutas diversas, como aquelas de respeito e admiração, como também a agressão. As condutas de agressão ocorrem principalmente quando não há aproximação entre os indivíduos.

O docente é o principal mediador do confronto, por estar próximo, lidando com os agressores e com as vítimas. A sua conduta pode prejudicar, tanto aquele indivíduo que sofre, quanto aquele que pratica, principalmente se não conhecer, o que ocasiona a prática de violência. Muitas consequências podem ser geradas no ambiente de sala de aula com a falta de intervenções.

Neste sentido, viu-se a necessidade de evidenciar todo esse processo marginalizado e implícito na ação do *bullying*. O preparo do educador deve ser uma ação tomada no ambiente escolar, para que não prejudique o desenvolvimento contínuo do aluno.

## 2 BULLYING

No âmbito escolar, o bullying se tornou, desde sua origem, um risco para os alunos, professores e a família. A sua evolução e ramificação na vida dos discentes, torna-se uma marca, que infelizmente é levada para a vida toda, de modo que acarreta consequências físicas e psicológicas graves. A conduta do *bullying* nas instituições tem sido um grande problema, o que gera um aumento enorme da propagação da violência entre os alunos (LEÃO, 2010).

Silva et al. (2016) complementa que o *bullying*, é uma espécie de agressão, que pode refletir diversos problemas de saúde pública, sensibilizando o desenvolvimento e o processo de ensino-aprendizagem das crianças e dos adolescentes em idade escolar.

O bullying é uma subcategoria sobre o comportamento agressivo que acontece entre os pares. Onde estabelece em um relacionamento interpessoal que se caracteriza por um desequilíbrio de forças, o que pode ocorrer de várias maneiras: o alvo da agressão pode ser mais fraco, pode ser violentado física ou mentalmente mais fraco que o infrator. Pode ainda existir uma grande diferença numérica, onde vários estudantes agem contra uma única vítima (BANDEIRA; HUTZ, 2012)

Ademais, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e à Adolescência (Abrapia), citado por Bandeira e Hutz (2012) enfatiza que no conceito do bullying as relações que mais estão em jogo. A ação agressiva, intencionais, deliberadas, continuadas e conscientes visam e causam dor, sofrimento, perseguição e a exclusão onde são aceitas por um indivíduo ou um grupo, na maioria composto por pessoas com força física, mais idade e um alto poder de persuasão, contra vários outros indivíduos ou grupos mais inferiores.

Santos e Faro (2018) observaram através de um levantamento de dados, que *bullying* é uma forma de oprimir, tendo suas ramificações na parte física e psicológica, sendo algo repetitivo, maçante e sistemático. Originando de forma coletiva ou individual, possuindo como 'justificativa' de tais atos, as diferenças de uma pessoa para outra (cor, etnia, religião, sexualidade, classe social).

Santos e Faro (2018) explicam que as estimativas do *Bullying* vêm crescendo cada vez mais, por atingir novas pessoas com diferentes idades, tendo como principal disseminador, o ambiente escolar. Esse problema não se limita apenas à idade, mas a formação de grupos, que ocorre na interação dentro da sala de aula.

O *bullying* tornou-se um problema endêmico nas escolas de todo o mundo. Um dos casos mais emblemáticos e com fim trágico ocorreu nos Estados Unidos, em 1999, na *Columbine High School*, em Denver, Colorado. Os estudantes Eric Harris, de dezoito anos, e Dylan Klebold, de dezessete, assassinaram doze estudantes e um professor. Deixaram mais de vinte pessoas feridas e se suicidaram em seguida. A motivação para o ataque seria vingança pela exclusão escolar que os dois teriam sofrido durante muito tempo. Investigações também demonstraram que eles não somente eram alvos de *bullying*, como também os próprios agressores de outras vítimas (SILVA, 2015, p.18).

O caso na escola de *Columbine*, foi uma consequência devastadora para todos os envolvidos, deixando sequelas para vida toda. Expondo o quanto essa problemática pode afetar os alunos condizentes a essa prática e as vítimas, na qual os papéis podem ser invertidos, de modo a ramificar ainda mais esse problema, fazendo com que todas as pessoas envolvidas, tenham o mesmo desfecho.

As consequências dos atos dos estudantes que praticam o *bullying* e os que sofrem, se interligam de forma a viver e a sentir as mesmas sequelas, fazendo com que muitos tomem decisões e adotam estilos de vidas prejudiciais, para tentar se remediar e superar os acontecimentos do passado.

## 2.2 Os papéis do agressor e da vítima no ambiente escolar

As ações do *bullying* se dividem, tradicionalmente, entre agressor, vítima, vítima/agressor e testemunhas. O agressor do *bullying* é aquela criança que agride outra, supostamente mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima (BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Complementando, os autores acima relatam que o autor de *bullying* possui 'um poder' sobre seu alvo, o que caracteriza sua capacidade de intimidá-lo perante o agressor. Esse diferencial de poder caracteriza-se pela diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional e pelo apoio recebido de outros colegas durante o acontecimento.

As diferentes ações entendidas como *bullying* são apontadas por Lopes Neto (2011, p. 21) como:

Apelidar, sacanear, aterrorizar, ignorar, dar um gelo, ameaçar, empurrar, oprimir, ofender, humilhar, amedrontar, ser indiferente, fazer sofrer, agredir, derrubar, quebrar pertences, zoar, intimidar, tyrannizar, excluir, perseguir, bater, ferir, violentar, debochar, dominar, discriminar, ridicularizar, injuriar, constranger, roubar, gozar, isolar, subjugar, assediar, chutar, vexar e furtar.

Desde que executados de forma repetida. Estas ações citadas acima englobam todos os bullyings existentes, a saber: bullying verbal, moral, psicológico, sexual, material, físico e virtual.

De acordo com a relação que envolve a vítima do bullying, podemos considerar a criança que é sempre atacada pelos colegas, geralmente, não tem forças para reagir aos ataques. Onde se apresenta mais vulnerável à ação dos agressores por algumas características físicas, comportamentais ou então emocionais. Onde por ela ter poucos amigos, ser passivo, retraído e possuir baixa autoestima (BANDEIRA; GUTZ, 2012).

Os autores ainda mostram que tem a vítima/agressor, que são aquelas crianças que são tanto vítimas com os agressores. E que podemos diferenciar dos agressores e vítimas comuns por não serem populares e pelo índice de muito amor e de rejeição entre os colegas. Estas crianças apontam uma combinação de baixa autoestima, atitudes agressivas e provocativas e alterações psicológicas, merecendo uma atenção especial. Podendo ser depressivas, ansiosas, inseguras, inoportunas e procuram humilhar os colegas para encobrirem suas limitações. Apresentando dificuldades como comportamento impulsivo, reatividade emocional e hiperatividade (BANDEIRA; GUTZ, 2012).

Conforme Valle e Williams (2021), *bullying* interfere na criação de relacionamentos entre alunos. Os discentes acabam agredindo fisicamente e psicologicamente os outros, por conta de suas diferenças, classes e culturas, a qual os alvos não relatam tais acontecimentos, por medo de uma consequência maior, por parte dos agressores. Essas agressões se disfarçam pelas brincadeiras e piadas.

As consequências dessa problemática para Santos e Faro (2018) são carregadas no decorrer na vida dos alunos que cometeram o *bullying* e os que sofreram e vão desde o uso de substâncias ilícitas a comportamentos e problemas mentais sérios, como a ansiedade, depressão, crise de pânico e níveis de agressividade alarmantes, tendo como alvo principal, pessoas mais novas, com predisposição ao gênero masculino, mas ambos os gêneros são atingidos.

Silva (2018, p. 78) explana as seguintes consequências naqueles indivíduos que sofreram os traumas da vitimização quando jovens: “Eles se tornam adultos ansiosos, inseguros, depressivos ou mesmo agressivos. Tendem a reproduzir, em seus relacionamentos profissionais e/ou familiares, a violência que sofreram no âmbito escolar”.

Logo, percebe-se que o *bullying*, além de afetar o presente dos envolvidos, acaba afetando negativamente o futuro, de modo que passa a não se relacionar com os amigos e com a própria família, o que o torna uma pessoa cada vez mais reclusa e deslocada de sua própria realidade, tendo como principal estimuladores ações sofridas na escola como referência (SILVA, 2018).

Para Trevisol e Campos (2016, p. 276) na interface *bullying* e ambiente escolar há um mediador que não pode ser deixado de ressaltar: o professor. “Este profissional, entretanto, nem sempre foi ou está preparado para identificar e encaminhar as situações de *bullying* na escola”. Neste enfoque, tem-se a figura do docente, que nem sempre está preparado para enfrentar esta situação, por falta de capacitação e preparo, por não saber interpretar as ações ocorridas no ambiente de sala de aula.

As intervenções adotadas nos momentos dos conflitos podem remediar essa problemática, o que poderá evitar conflitos à vítima, que durem uma vida toda. A conscientização e o entendimento dos próprios atos com os outros colegas, devem ser trabalhados em sala de aula para evitar maiores prejuízos na vida adulta.

### **2.3 Intervenções adotadas para minimizar a problemática do *bullying***

Para que a problemática do *bullying* seja resolvida com eficácia, é importante incentivar o professor, bem como a sociedade escolar. Um dos meios de proteção, conforme destaca Santos e Faro (2018) apresentam o envolvimento da religião e de suporte social, em que as pessoas mais próximas das vítimas possam identificar, analisar e desenvolver métodos para solucionar a problemática.

Para identificar o ponto chave do problema, os aspectos descritos por Santos e Faro (2018) estão a discordância de poder, a premeditação e a frequência, que tornam aspectos fundamentais para definir se o perfil se encaixa em uma vitimização de pares. Sabe-se que a realidade no Brasil é divergente aos meios de intervenção, pois há falhas na execução do processo de prevenção do *bullying*.

Valle e Willians (2021) expõem que a investigação e a intervenção podem melhorar o ambiente de ensino, fortificando o engajamento escolar. De modo a possibilitar a satisfação dos alunos, perante a formação acadêmica, desenvolvendo meios de aproximar os discentes dos docentes.

No entanto, Trevisol e Campos (2016) ressaltam que a única solução para lidar com essa problemática, é a confluência de toda a equipe pedagógica e comunidade

intervindo com essas crianças. Os pais, ou responsáveis por essas crianças precisam estar em sincronia com a escola e com a equipe escolar, de forma a garantir uma maior eficiência no combate ao *bullying*.

Silva (2018, p. 183-184) demonstra algumas intervenções, que o professor e a escola podem adotar:

De maneira prática e objetiva, a escola deve procurar meios para saber quais são as experiências e os sentimentos de seus alunos em relação ao *bullying*. [...] Os alunos também devem ser estimulados a escrever uma espécie de autobiografia escolar, documentada em computador e enviada para um e-mail seguro, que garanta o anonimato de seus relatos. Nessa autobiografia, eles podem romper suas barreiras e quebrar o silêncio que, na maioria das vezes, predomina em relação ao assunto dentro das salas de aula. O grande objetivo dessa atividade é revelar os pensamentos, sentimentos e emoções que podem estar camuflados ou reprimidos pelos estudantes.

A instituição de ensino precisa analisar e desenvolver métodos, que auxiliam na identificação das ocorrências dessa problemática, buscando levar em conta os agressores e as vítimas. Além do mecanismo de autobiografia escolar, a também a vivência teatral (Mocinho e Vilão), é a troca de papéis que os alunos irão exercer durante uma semana, depois haverá uma conversão. A *Videofeedback* propõe gravação de cenas, realizadas através da dinâmica 'Se eu fosse você', na qual haverá uma análise das expressões minuciosas dos alunos, posteriormente os alunos verão as gravações, com a análise feita pelo professor (SILVA, 2018).

Muito se discute a importância de práticas metodológicas, a serem adotadas que auxiliam os alunos a respeitarem as diferenças entre eles, mas isso só se torna aplicável quando o docente possui uma boa formação, de modo a conseguir desenvolver métodos efetivos para intervir direcionadamente na problemática.

As escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência do *bullying* (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional[...]. [...] Como segundo passo, mas não menos importante, as escolas necessitam capacitar seus profissionais para a identificação, o diagnóstico, a intervenção e o encaminhamento adequado de todos os casos ocorridos em suas dependências. Nesse aspecto, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Lei 13.185), surge para favorecer e implementar essas ações (SILVA, 2020, p. 182)

O *bullying* possui diversas ramificações e a escola precisa enfrentar essa problemática. Sendo necessário possuir um conhecimento aprofundado sobre a adversidade no ambiente de escolar, tornando-se necessário promover uma

qualificação para os docentes, desenvolvendo com eles um meio de identificar, analisar e intervir, na qual o acompanhamento se tornará adequado nesse contratempo.

#### **2.4 Práticas pedagógicas: uma reflexão para a prevenção do bullying**

Os profissionais da educação encontram-se em um contexto que podem promover de forma preventiva, a conscientização daqueles que estão ao seu redor. Por isso, antes que as práticas do *bullying* surjam, ações devem ser promovidas como forma de evitarem a problemática no ambiente escolar. Silva (2018, p. 184) destaca uma prática que pode ser trabalhada com os alunos:

[...] se trata de uma vivência teatral em que papéis bem definidos (mocinho e vilões) são distribuídos e interpretados por uma semana. Após esse tempo, é solicitado a turma que represente a mesma cena, na qual os personagens devem ser trocados: os mocinhos passam a ser vilões e vice-versa. De domínio esse exercício 'Se eu fosse você'. Ele obriga, instintivamente, ou de forma intuitiva, que cada colega se coloque no lugar do outro, o que abre espaço para a vivência individual e coletiva de respeito, tolerância, empatia e solidariedade.

Esse método permite que o aluno consiga entender o lado dos agressores como das vítimas, sendo representado através de um teatro abstrato, com a intervenção necessária do professor, de modo a desenvolver o instinto de entender os sentimentos e a vivência do outro.

Frick (2016, p. 56) expõe a funcionalidade de uma boa formação docente, para desenvolver o respeito com os alunos, pois,

[...] O professor tutor pode organizar atividades com distintos níveis de aprofundamento e com objetivos específicos, como: oficinas com debate sobre temas relacionados ao *bullying*, como violência de gênero, xenofobia ou racismo; análise de casos hipotéticos ou reais (mas não relacionados à turma ou que aconteceram na escola), utilizando reportagens, vídeos, filmes ou a literatura; teatralização de histórias sobre bullying, as chamadas estratégias de role-playing, que possibilitam a troca/vivência de papéis e, conseqüentemente, contribuem para a tentativa de compreensão e reconhecimento de sentimentos e emoções do outro.

O docente pode desenvolver projetos e atividades, que abordem problemas estruturais e culturais, com atividades que façam as crianças construir conceitos mais reflexivos quanto o respeito junto ao outro.

Logo, a veracidade das informações passadas pelos professores, por meio de documentários, filmes baseados em fatos e os livros escritos por pessoas que viveram a situação fará com que os alunos percebam o sofrimento das vítimas. O professor poderá inserir o teatro, de modo que os alunos possam compreender como essas situações podem ter impactos negativos na vida das pessoas (FRICK, 2016).

Uma intervenção efetiva ao combate do bullying, segundo Silva et al. (2017) é o desenvolvimento de atividade de casa, na qual pode se incluir situações dessa problemática, como: identificar ações ruins; palavras prejudiciais e ações violentas. Essas tarefas terão auxílio do professor e toda a equipe pedagógica, tendo como resultado, o aluno possuindo consciência de atos nocivos, educando-o a si mesmo e ao próximo.

Manzini (2018, p. 12), discorre sobre uma ação trabalhada em sala de aula:

A professora Mariana e as demais professoras da escola irão apresentar uma história de uma aldeia, onde todos os índios são importantes para o funcionamento da tribo e que nenhum deles é feliz se um índio está triste. A discussão da história será uma oportunidade para os alunos se conhecerem melhor ao trabalharem com o colega do lado (afinal, houve troca de carteiras) e falarem seus talentos, suas qualidades. É uma estratégia para promover o autoconhecimento dos alunos, a expressão emocional e ampliar o conhecimento individual e dos colegas do grupo.

A estratégia literária, se torna efetiva quando o docente consegue aplicar, de modo que ele traga a realidade da história narrada para o mundo real, provendo uma interação embasada, ou seja, desenvolvendo atividades, que possibilitam uma maior interação entre os alunos. Com isso, o conhecimento ocorre de forma mútua entre eles, e os sentimentos passam a ser explorados de modo que as interações ocorram de forma coletiva (MANZINI, 2018).

Em suma, a adoção de estratégias que incentivem à valorização e o respeito pelos colegas em sala de aula pode romper barreiras, mas para isso é importante que o professor adote um olhar mais crítico em relação às ações de seus alunos em sala de aula.

### **3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Com objetivo de retratar a ação do *bullying* dentro do ambiente escolar, e o que essa ação pode ocasionar às vítimas, bem como enfatizar as intervenções adotadas

pelos docentes, que podem minimizar a ação do *bullying*, garantindo um ambiente escolar seguro para todos que a frequentam.

Com o propósito de indagar uma relação cinematográfica e a realidade contemporânea, em relação a violência do *bullying*, avolumou-se em um estudo bibliográfico, apurado na triagem de artigos constantes do banco de dados da web, tais como *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), publicados entre 2016 a 2021; Revista de Ciência Sociais (CIVITA), divulgada em 2020; Livro '*Bullying mentes perigosas na escola*', publicada em 2015; como também o Filme: *A voz do Silêncio: Koe no Katachi*, anunciado em 2016.

O método da pesquisa bibliográfica, foi escolhida para reger esse trabalho, por sua grande amplificação teórica. "Trata-se de levantamento de toda bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita" (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 42 e 43).

O filme foi escolhido porque enfatiza com clareza a prática do *bullying* em ambiente escolar. Com o levantamento bibliográfico e a caracterização das ações do *bullying* desenvolveu-se uma análise mencionando como a intimidação, o que pode evoluir e afetar o futuro dos alunos envolvidos, expondo que a intervenção negativa feita pelo professor, pode colaborar para um resultado nocivo.

#### **4 PRODUÇÃO CINEMATOGRÁFICA: uma análise do *bullying* em ambiente escolar**

O filme *A voz do Silêncio: Koe no Katachi* mostra o desenvolvimento do *bullying* em ambiente escolar, o que caracteriza no desenrolar da trama, as tentativas de suicídio, por parte dos principais personagens, no período do Fundamental I e Ensino Médio. Toda a trama do filme evidencia o comportamento agressivo do personagem Shouya Ishida contra a aluna Shōko Nishimiya. O conflito presente na trama poderia ser evitado se o professor juntamente com a escola, tivessem intervindo em ambas as situações, tanto com a vítima como com agressor.

#### 4.1 Narrativa do filme

A história do filme se inicia com a personagem Shōko Nishimiya, que é uma menina surda, que foi transferida para uma nova escola do Fundamental II, na 6ª série, como variados colegas de classe, que se incluía Shouya Ishida.

Shouya Ishida tinha um grupo de amigos, que começou a praticar ações bullying com Nishimiya. Ishida era quem mais praticava, pois se sentia desconfortável com o problema de sua colega. Nishimiya carregava um caderno e escrevia o que desejava falar e esperava que alguém escrevesse de volta, quando quisessem conversar com ela. O método utilizado por ela era uma forma de substituir a Língua Japonesa de Sinais, pouco difundida e, evidenciado no filme como uma recusa pelas demais crianças, o que dificultava a comunicação.

Menina carinhosa, meiga, tranquila e feliz, Shōko Nishimiya, ao ingressar na escola, tornou-se retraída por conta de sua deficiência auditiva. Na qual passou a ter dificuldades. No entanto, a Instituição de Ensino, por não ter nenhuma adaptação para sua surdez, passou a ser ignorada e excluída.

Outra situação ressaltada foi o uso da oralização. A deficiência da personagem não estava relacionada com a fala, a personagem Nishimiya conseguia falar, o que a caracterizava como uma surda oralizada. No entanto, o preconceito visualizado, pelo fato de a voz soar pouco natural, era escondido.

O agressor, o jovem Ishida, protagonista da narrativa, lidera um grupo de amigos, por ser bem comunicativo e dinâmico, se relacionava com segurança junto aos colegas de sala, sempre chamando a atenção da classe. Em razão dessa personalidade, acabou influenciando os seus colegas de classe a discernir uma negação à nova estudante, tendo uma aprovação para as suas brincadeiras ofensivas e violentas com Nishimiya.

Entre essas brincadeiras ofensivas destacavam: agressões físicas, palavras ofensivas e destruição dos pertences da aluna. Assim, com o agravamento das ações proferidas por Shouya Ishida, a mãe de Shōko Nishimiya vai à escola, e relata os acontecimentos, o que leva a transferir a filha para outro colégio.

O professor, questiona a turma, para saber quem estava cometendo essa violência. Os amigos de Shouya Ishida o entregaram, conseqüentemente, todos da sala começaram a excluí-lo de todas as atividades sociais da escola, inclusive os seus amigos.

Com o passar do tempo, já no Ensino Médio, Shouya Ishida ainda carregando a culpa pelo ocorrido no Ensino Fundamental, como isso, ele torna-se uma pessoa retraída, antissocial e passa a ter pensamentos suicidas, uma forma de se punir sobre o ocorrido anos atrás.

No Ensino Médio, um personagem secundário, comenta sobre o caráter de Shoko Nishimiya, mesmo ele estando por perto 'Melhor ficarem longe de um cara chamado Shoya Ishida. Ele faz bullying', depois de todo o ocorrido com Shoko Nishimiya, houve uma grande confusão na mente de Shoya, ele foi excluído pelos amigos e colegas de classe, se tornando um antissocial, depressivo, possuindo uma única vontade, que era de cometer suicídio, para pagar por todas as maldades que ele havia feito com sua colega de classe, deixando isso claro em uma de suas falas 'Os pecados que eu cometi no passado se viraram contra mim. Aprendi uma lição: que eu devo carregar esses pecados e ser punido por eles'.

Quando Ishida, tentou se desculpar com Shoko Nishimiya, mostrando que ele mudou seu caráter e suas atitudes, uma amizade acabou se firmando. Em um passeio, uma ex-amiga de Shoya, chamada Naoka Ueno questiona de forma sônica, o seu recente convívio com seu novo amigo. 'Ficou amigo de alguém que abusava? Isso é muito engraçado'. Ueno era a melhor amiga de Ishida, e participou de todo o acontecimento, com menos intensidade, sendo um dos amigos, que virou as costas para ele, quando foi acusado de cometer o bullying.

Shōko depois de um tempo conheceu o melhor amigo de Shoya, Tomohiro Nagatsuka, e ele demonstra um grande carinho por Ishida, 'Ya-sho aceitou alguém como eu. Pela primeira vez na minha vida, eu sei o que é ter um melhor amigo'. Nesse momento, ele não sabia do passado de Shouya. Em um dos encontros, que reuniu todos os amigos Ishida, uma amiga dele, chamada Miki Kawai abraçou Shōko e disse: 'Todos temos dificuldades nas nossas vidas. Todos temos. Então, temos que amar aquilo de que menos orgulhamos e ir em frente'. Essa fala se tornou muito marcante, pois se encaixa com todos os personagens do filme. Mensagem simples, que demonstra que uma pessoa para conseguir seguir em frente é preciso entender a si mesmo, para trilhar um futuro.

O Bullying instituiu-se como uma prática agressiva presente em diferentes escolas no Brasil. Considerar a abordagem do filme no sentido de combater tal prática por meio de ações metodológicas, ou mesmo temas transversais, que integre os diferentes conteúdos trabalhados em sala de aula. A atitude agressiva proferida pelo

protagonista Ishida, ocorreu em razão da deficiência, que se originou pelo preconceito, o que é um grande problema existente na sociedade. Para Santos e Faro (2018) essa ação gera ramificações psicológicas.

A personagem Nishimiya pelas suas características acaba se tornando alvo de *bullying*, por ser uma criança sensível, passiva, principalmente pela condição física. Se mostra infeliz, com dificuldades de socializar e ser aceita pelos seus colegas.

A tentativa de Nishimiya em interagir com os colegas, como na fala dela para Shouya: 'Eu e você podemos ser amigos?'. A fala partiu da Nishimiya para Shouya, em seu primeiro contato. O sentimento transcorrido pela aluna nova, era de afeto e acolhimento. Ao contrário, Shouya proferiu um comportamento de repulsa e estranhamento.

Como a trama ocorreu na escola, é observada a omissão da instituição e do professor no conhecimento e nas ações de seus alunos. O que confere reforçar que a escola recebe um público heterogêneo. Neste ambiente, é observado a primeira oportunidade de as crianças conviver com pessoas diferentes. O Ministério da Educação constitui nos Parâmetros Curriculares Nacionais há uma diversidade de crianças, brancos, negros, mestiços, meninos e meninas, pessoas de renda familiar desigual, religiões diversas etc. Todos esses indivíduos usufruem do mesmo direito e da mesma sala de aula, o que oportunizam aprenderem, e que por isso são merecedores de tratamento com dignidade, cada um na sua singularidade (BRASIL, 1997).

O *bullying* pode ser amenizado quando os indivíduos passarem a aceitar as diferenças. Na Constituição Federal de 1988 em seu art. 5º é visualizado que: "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade" (BRASIL, 1988). No entanto, a sociedade lida com o preconceito, que automaticamente provoca agressões.

No fenômeno vivenciado pela personagem Shoko Nishimiya, no processo das agressões sofridas por Shoko Nishimiya, ela não foi responsável por perpetuar o *bullying*. O crédito a essa continuidade deve ser dado a instituição escolar, pela incapacidade de incluir a Shoko Nishimiya à diversidade, a qual faz parte. Neste sentido, identifica-se a ausência da escola em abordar a questão da deficiência para que eliminassem as barreiras para a inclusão da Shoko Nishimiya no ambiente

escolar. No momento em que há o conhecimento das barreiras não haveria a continuidade da discriminação.

Assim, cabe aos discentes apreciarem e valorizarem as diferenças no ambiente de sala de aula. Ao adotar metodologias que demonstrem o respeito e compreensão de que todos são iguais, e possuem direitos a não sofrer discriminações. O espaço escolar deve ser acolhedor e confortável para todos no sentido da convivência.

Em razão das características da vítima Shoko Nishimiya, foi percebido que ela apresentou insegurança, baixa autoestima, ansiedade excessiva e dificuldades para se expressar. Para Silva (2015, p. 36), a vítima ao apresentar “dificuldades significativas de se impor ao grupo, tanto física quanto verbalmente, torna-se alvo fácil e comuns dos ofensores”.

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem, em sua personalidade, traços de desrespeito e maldade, e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado por meio da força física ou de intenso assédio psicológico. [...] Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão as normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado (SILVA, 2020, p. 41-42).

A personalidade dos autores do bullying, conhecido como agressores, possui características maldosas e frias, o que precisa sempre ter um indivíduo com poder de liderança, através da força física ou psicológica, mostrar desde cedo, com pequenas atitudes o que é certo e errado, para que não haja o reforço de comportamentos agressivos, independente do ambiente.

O docente para realizar a sua intervenção, precisa entender os papéis, que os discentes desenvolvem na escola, em especial com a problemática do bullying. As atribuições são: vítima; vítima provocadora; vítima agressora; agressores; espectadores (passivos, ativos, neutros). O filme ‘A voz do silêncio – Koe no Katashi’, desenvolve bem os personagens da trama, de acordo com esses aspectos. “[...] o bullying também é constituído de personagens e enredos que nos despertam terror, compaixão e empatia” (SILVA, 2010, p. 33).

A aluna Shoko Nishimiya se personifica como uma vítima típica, pois segundo Silva (2020) esse discente é efêmero fisicamente, ou possui alguma coisa em seu corpo, que chama a atenção, como uma deficiência, veste de sua religião ou costumes de sua etnia. Se tornando alvo de violência física ou psicológica.

De acordo Dias e Pingoello (2016 citado por COELHO et al., 2021, s./p.):

O fenômeno da experiência de bullying contra pessoas com deficiência no contexto escolar é estruturado a partir dos seguintes conceitos: barreiras, na qual o bullying está inserido, inclusão, o qual se configura como o processo de eliminação de barreiras e educação na qual a escola tem responsabilidade pelo desenvolvimento de seus alunos.

Nesse aspecto, o professor precisa fazer o repasse para a coordenação pedagógica, para ter o apoio e uma estrutura para lidar com essa situação, através de projetos, atividades inclusivas, e com isso desenvolver a empatia.

O aluno Shouya Ishida no primeiro momento era o agressor, pois segundo Silva (2020, p.41 e 42), os agressores,

Podem ser de ambos os sexos. Possuem, em sua personalidade, traços de desrespeito e maldade, e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado por meio da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando está acompanhado de seus seguidores, seu poder de destruição ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de fazer novas vítimas.

Shouya Ishida mostrava traços de liderança, mas utilizava as 'brincadeiras' como defesa, pois tudo que não se encaixava no padrão, ele buscava diminuir, agredir fisicamente e psicologicamente, fazendo com que o restante dos alunos, achasse graça de suas ações. Shouya Ishida sempre estava acompanhado de seus amigos, na qual os mesmos, faziam e achava interessantes as ações dele.

Com o passar do tempo, Shouya Ishida acabou sofrendo com essas ações, depois que o professor descobriu, que ele praticava bullying com Shoko, todos da sala e os seus próprios amigos passaram a excluir. Todos da escola, depois de terem conhecimento de seus atos, reverteram a situação, através de uma pressão psicológica, fazendo com que Shouya, acreditasse que merecia tudo de ruim em sua vida, se tornando antissocial e suicida.

Segundo Pimentel, Méa e Patias (2020) pode se perceber que os danos emocionais à vítima podem ocorrer sempre como, a baixa autoestima ou sintomas agressivos, e se compararmos aos outros adolescentes que nunca passaram pela situação. O grau da ansiedade se mostra muito elevado. Os casos considerados mais graves, se tornam tão prejudiciais que se resultam em várias tentativas sempre levadas ao suicídio.

Uma amiga de Ishida, chamada Naoka Ueno fazia parte do grupo, incentivava as agressões. Ela buscava apoiar as ações de Shouya Ishida, mas ela ignorava o pedido de amizade de Shoko, a mesma só aceitou no final do filme. O perfil de Ueno, se encaixa no de espectadores ativos, que segundo Silva (2020, p. 45) formam esse grupo aqueles alunos que, “apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo”. Esses indivíduos não participam de forma direta, o que não significa que deixaram de divertir com o que presenciaram.

## 5 CONCLUSÃO

O desenlace da pesquisa demonstrou que grande parte dos docentes prefere ‘ignorar’ as agressões cometidas pelos alunos. Outros educadores não procuram meios para intervir, o que acaba cometendo o mesmo erro do professor do filme ‘Koe no Katachi – A voz do silêncio’.

As agressões decorridas no ambiente de sala de aula desencadeiam personagens que vivenciam situações de vítimas e agressores, ocasionando para toda sua vida, problemas psicológicos, em outros casos até físico.

Os docentes que buscam, juntamente com a equipe pedagógica desenvolver intervenções que podem ajudar todos os discentes a superarem e entenderem, o quanto a prática do bullying pode prejudicar todos os envolvidos nesta ação.

A adoção de metodologias que auxiliem a compreensão do grupo é de responsabilidade do educador, a maneira como as informações chegam aos alunos, auxiliará no processo de aceitação

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; GUTZ, Claudio Simon Hutz. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP**, v. 16, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2012.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, Alisson Antunes et al. A experiência do bullying por pessoas com deficiência no contexto escolar: uma observação do filme Koe no Katachi. **Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia**, v. 1, n. 1 2021. Disponível em: <<https://nexus.ufsc.br/index.php/rppp/article/view/4721/pdf>>. Acesso em: 13 out. 2021.

FRICK, Loriane Trombini. **Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Tecnologia programa de pós-graduação em Educação, Presidente Prudente, 2016.

LEÃO, R. Letícia Gabriela. Fenômeno bullying no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, n. 4, p. 119-135, jan./jun. 2010 Disponível em: <<https://docplayer.com.br/3802546-O-fenomeno-bullying-no-ambiente-escolar-leticia-gabriela-ramos-leao.html>>. Acesso em: 12 set. 2021.

LOPES NETO, Aramis Antônio. **Bullying saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MANZINI, Raquel Gomes Pinto. **Estratégias de Prevenção ao Bullying na Perspectiva da Análise do Comportamento**. 2018. 69f. Monografia (Curso de Formação e, Terapia Analítico-Comportamental Infantil) - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil, Brasília, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Atlas, 1992.

PIMENTEL, Fernanda de Oliveira; MÉA, Cristina Pilla Della; PATIAS, Naiana Dapieve. **Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e idealização suicida em adolescentes**. Acta Colombiana de Psicologia, Rio Grande do Sul, p. 205-216, setembro, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v23n2/pt\\_0123-9155-acp-23-02-230.pdf](http://www.scielo.org.co/pdf/acp/v23n2/pt_0123-9155-acp-23-02-230.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SANTOS, Luana Cristina Silva; FARO, André; Bullying entre adolescentes em Sergipe: Estudo na Capital e Interior do Estado. **Psicologia Escolar e Educacional**,

São Paulo, v.22, n. 3, p. 485 – 492, setembro/dezembro 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572018000300485&](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000300485&)>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. 2.ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**, Ribeirão Preto, p.1150-1156, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/n8LK9kwJvkdV536r9r3BCDM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de Bullying Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. **Temas em Psicologia**, São Paulo, v.20, n.1, p. 510-522, mar. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tpsy/a/979skB8QHxpfkf3ncM6qK4f/?lang=pt>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, p. 2329-2340, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/WLQVDC8GDKzmyjVxnYgtKrc/?lang=pt>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; CAMPOS, Carlos Alexandre. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 2, p. 275-283, maio/ago 2016.

VALLE, Jéssica Elena; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Engajamento Escolar: Revisão de Literatura Abrangendo Relação Professor -Aluno e Bullying. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 37, e37310, 2021. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e37310>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

VOZ DO SILÊNCIO – Koe No Katachi. Direção: Reiko Yoshida. Produção: Naoko Yamada. Japão: Kyoto Animation, 2019, Netflix.